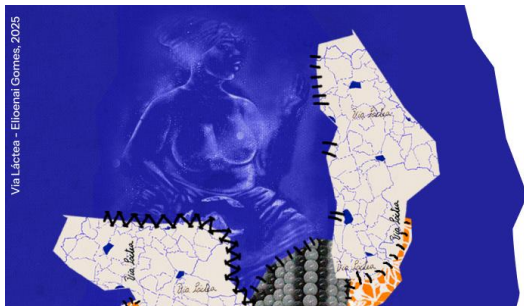




DESCOLONIZANDO O ENSINO DA ARTE: ENTRE IMAGENS NARRATIVAS E VOZES

DECOLONIZING ART EDUCATION: BETWEEN NARRATIVE EMAGES AND VOICES

Janaina Martins de Souza Eufrazio¹

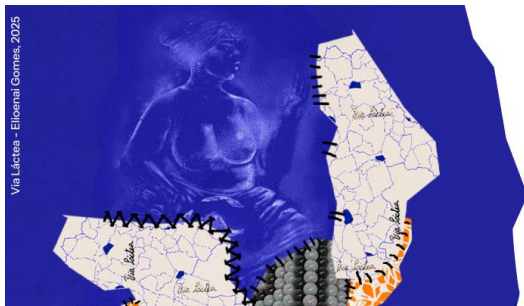
Prof Artes UDESC

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a construção de uma educação antirracista no ensino de arte, a partir de uma perspectiva que reconhece a diversidade étnico-racial como elemento central na formação humana e na construção da cidadania. Fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) de Dermeval Saviani, o texto discute como o ensino de arte pode ser um instrumento de transformação social, promovendo o reconhecimento da identidade racial, a valorização das culturas afro-brasileiras e o enfrentamento do racismo estrutural. A partir da análise de obras contemporâneas como “O Nascimento de Oxum”, de Harmonia Rosales, “Bombril”, de Priscila Rezende, e “O Poder da Trava que Ora”, de Ventura Profana, evidenciam-se estratégias pedagógicas que subvertem narrativas eurocêntricas e promovem o empoderamento de corpos e vozes historicamente marginalizados. O artigo também destaca a importância da Lei 10.639/2003 como marco legal para a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, defendendo uma abordagem estética e política comprometida com a equidade racial. Por fim, reforça-se que o ensino de arte deve ultrapassar o viés técnico e estético para se tornar um espaço de escuta, crítica e emancipação, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes, engajados e capazes de transformar a sociedade em que vivem.

Palavras-chave: ensino da arte; educação para relações étnico raciais; descolonização curricular; pedagogia histórico crítica.

Abstract: This article proposes a critical reflection on the construction of an anti-racist education in art teaching, from a perspective that recognizes ethno-racial diversity as a central element in human development and the building of citizenship. Grounded in Dermeval Saviani’s Historical-Critical Pedagogy (PHC), the text discusses how art education can serve as a tool for social transformation by promoting the recognition of racial identity, the appreciation of Afro-Brazilian cultures, and the confrontation of structural racism. Through the analysis of contemporary artworks such as *The Birth of Oshun* by Harmonia Rosales, *Bombril* by Priscila Rezende, and *The Power of the Trava Who Prays* by Ventura Profana, pedagogical

¹ Formada em Artes Visuais - Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Especialista em História da Arte pela Faculdade de Capivari de Baixo - FUCAP No momento cursa mestrado profissional de Prof Artes na UDESC. Atua como professora de arte, no quadro efetivo do estado de Santa Catarina. Participa de grupos de estudo na UDESC onde é mestrande e é professora associada do NEAB da UDESC, <https://lattes.cnpq.br/7635556268091483>



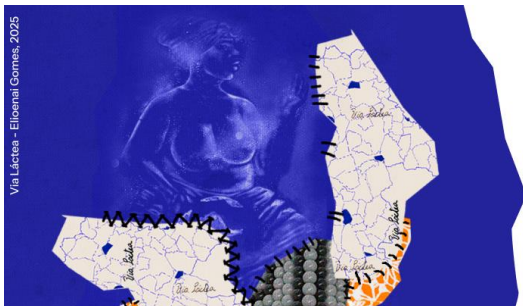
strategies are revealed that subvert Eurocentric narratives and promote the empowerment of historically marginalized bodies and voices. The article also highlights the importance of Law 10.639/2003 as a legal milestone for the inclusion of African and Afro-Brazilian history and culture in the school curriculum, advocating for an aesthetic and political approach committed to racial equity. Finally, it reinforces that art education must go beyond technical and aesthetic aspects to become a space for listening, critique, and emancipation, contributing to the formation of conscious, engaged individuals capable of transforming the society in which they live.

Keywords: art education; education for ethnic-racial relations; curriculum decolonization; historical-critical pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

A arte, enquanto linguagem universal, é uma ferramenta potente de expressão humana, sendo ela capaz de transcender fronteiras culturais e históricas, articulando saberes, vivências e resistências. Conforme aponta Canclini (1980), a arte constitui-se como uma apropriação e transformação da realidade cultural e material, visando responder a uma necessidade social situada historicamente. No entanto, o ensino de arte nas escolas brasileiras, historicamente orientado por uma perspectiva eurocêntrica, tem silenciado vozes e imagens que expressam a diversidade étnico-racial do país, ignorando a riqueza das culturas afro-brasileiras assim, como as indígenas.

Neste contexto, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre o ensino de arte a partir de uma perspectiva descolonizadora e antirracista, compreendendo-o como espaço de escuta, crítica e emancipação. O objetivo central da pesquisa é investigar de que maneira o ensino de arte pode contribuir para a valorização da identidade racial, o combate ao racismo estrutural e a promoção de uma educação comprometida com a equidade. A investigação parte dos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), proposta por Dermeval Saviani, que entende a educação como prática social transformadora, orientada por uma leitura crítica da realidade e pela emancipação humana.



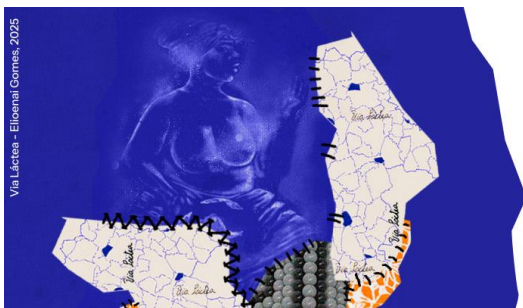
A escolha por analisar obras de artistas contemporâneos como Harmonia Rosales ("O Nascimento de Oxum"), Priscila Rezende ("Bombril") e Ventura Profana ("O Poder da Trava que Ora") decorre da intencionalidade de evidenciar práticas artísticas que rompem com as narrativas coloniais, promovem o empoderamento de corpos racializados e possibilitam a articulação entre estética e política no espaço escolar. A metodologia adotada combina revisão bibliográfica com análise crítica de obras de arte, buscando relacionar teoria educacional, crítica social e práticas pedagógicas.

Justifica-se este estudo diante da urgência de implementar, de forma efetiva, a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, bem como da necessidade de repensar o currículo e a prática docente sob a ótica da diversidade. Ao promover a presença de imagens, narrativas e vozes historicamente marginalizadas no ensino de arte, buscamos contribuir para a formação de sujeitos conscientes, críticos e engajados com a transformação social.

2 CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ARTE

*Ô meu corpo,
faça sempre de mim um
homem que questiona! Frantz Fanon*

A arte é uma poderosa ferramenta de expressão que transcende barreiras linguísticas e culturais, permitindo-nos explorar e compreender o mundo ao nosso redor de maneiras únicas. Pois, segundo CANCLINI (1980, p. 36) "A arte é produção porque consiste numa apropriação e numa transformação da realidade material e cultural, mediante um trabalho e para satisfazer uma necessidade social de acordo com a ordem vigente em cada sociedade."



No entanto, ao longo da história, o ensino de arte nem sempre refletiu a diversidade e a riqueza das experiências humanas, muitas vezes negligenciando ou marginalizando as narrativas e contribuições de grupos étnicos minoritários.

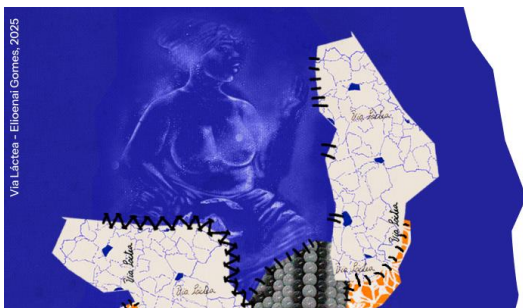
No contexto brasileiro, onde a herança afrodescendente é uma parte integral da identidade nacional, é crucial reconhecer e valorizar as expressões artísticas da comunidade negra. Como parafraseou Darcy Ribeiro, Sartre, “Ser europeu era de fato a única forma natural, normal e desejável de ser gente. Aos outros faltava alguma coisa essencial que os fazia irremediavelmente carentes. E não bastava ser europeu, era preciso ser francês ou inglês” (1986, p. 112). Para isso, neste subcapítulo vamos explorar como podemos construir uma educação antirracista no ensino de arte partindo da PHC, assim promovendo a inclusão, a diversidade e a equidade em sala de aula. Então diante deste tema, apresentaremos a obra da artista plástica Harmonia Rosales para iniciarmos.

Figura 4. "O Nascimento de Oxum", Harmonia Rosales (2021)



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/artista-afro-cubana-recria-arte-renascentista-com-negros-como-figuras-principais/> Acesso em: 10 abr. 2025

A exposição "Harmonia Rosales: Master Narrative" é uma mostra que destaca o trabalho da artista Harmonia Rosales, cujas obras frequentemente entrelaçam temas da religião da África Ocidental com técnicas artísticas remanescentes do período renascentista europeu. Um exemplo notável disso é a obra "O Nascimento de Oxum".



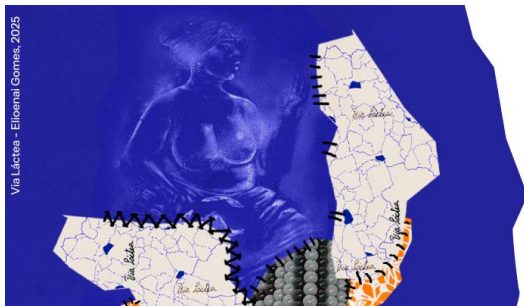
"O Nascimento de Oxum" retrata uma cena inspirada na mitologia iorubá, que é uma das religiões predominantes na África Ocidental, especialmente entre os povos iorubás da Nigéria, Benin e Togo. Oxum é uma divindade importante nessa religião, associada à água, ao amor, à fertilidade e à beleza. Na obra de Rosales, ela é representada no momento de seu nascimento ou criação, em um contexto que mescla elementos africanos e renascentistas, segundo a Kristen Rogers no site da CNN Brasil (2024).

Ao entrelaçar a religião da África Ocidental com técnicas artísticas do Renascimento, Rosales cria uma ponte entre diferentes tradições culturais e estéticas, destacando a riqueza e a complexidade das influências culturais no mundo contemporâneo. Isso também pode ser interpretado como uma forma de reimaginar e subverter narrativas históricas dominantes, que muitas vezes marginalizaram ou ignoraram as contribuições das culturas africanas para a arte e a história global.

Portanto, a exposição "Harmonia Rosales: Master Narrative", incluindo a obra "O Nascimento de Oxum", oferece uma reflexão provocativa sobre identidade cultural, religião e poder através de uma lente artística que transcende fronteiras geográficas e temporais.

No entanto, isso nos faz perceber o quanto a identidade racial é uma parte importante da experiência humana e como um aspecto essencial na luta contra a opressão e a exploração. Porém, o marxismo traz a importância do direito em que as pessoas têm de se reconhecerem como parte de um grupo étnico racial específico. Pois segundo GRAMSCI (1966, p.12), "o início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, conhece-te a ti mesmo como produto do processo histórico até hoje desenvolvido[...]".

Desta forma, a frase de Antonio Gramsci destaca a importância da consciência de nossa própria identidade e como ela é moldada pelo contexto histórico em que vivemos. Isso nos leva a refletir sobre como a identidade racial é uma parte significativa da experiência humana, influenciando nossas interações sociais, oportunidades e percepções de mundo. Por sua vez, o marxismo enfatiza a importância do reconhecimento das pessoas como parte de grupos étnico-raciais específicos, especialmente em um contexto de luta contra a opressão e a exploração.



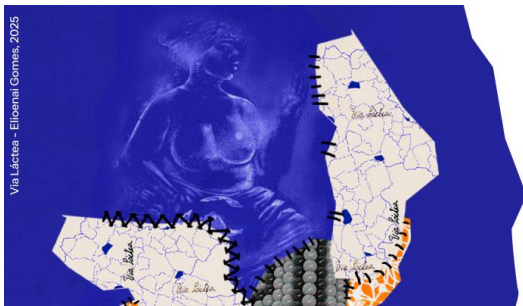
Nesse sentido, compreender a própria identidade racial e reconhecê-la como um aspecto fundamental de nossa experiência é crucial para o processo de conscientização e mobilização contra as injustiças sociais.

Diante disso, a obra *Bombril* (2019), da artista Priscila Rezende, estabelece um incisivo diálogo entre arte, identidade e racismo ao problematizar, por meio da performance, os estigmas historicamente associados ao corpo e ao cabelo da mulher negra. A referência à “palha de aço”, termo frequentemente usado de maneira pejorativa para descrever cabelos crespos, explicita a violência simbólica e cotidiana da linguagem racista, ao mesmo tempo em que denuncia os mecanismos de controle e padronização estética impostos às populações negras.

Nesse sentido, a obra tensiona a construção da identidade racial no Brasil, revelando como o racismo estrutural atua sobre os corpos negros, especialmente femininos, desumanizando-os e negando-lhes reconhecimento e valorização. A ação performática de Priscila Rezende torna-se, assim, uma forma de resistência e ressignificação, ao transformar um símbolo de opressão em instrumento de denúncia e crítica social. Porém, do ponto de vista educacional, especialmente no ensino de arte, obras como *Bombril* oferecem uma oportunidade para abordar temas como estética, identidade, corporeidade e discriminação racial de forma crítica e reflexiva, contribuindo para uma educação antirracista e culturalmente sensível, em consonância com os princípios estabelecidos pela Lei 10.639/2003.

FIGURA 5. “Bombril” Priscila Rezende, (2019)



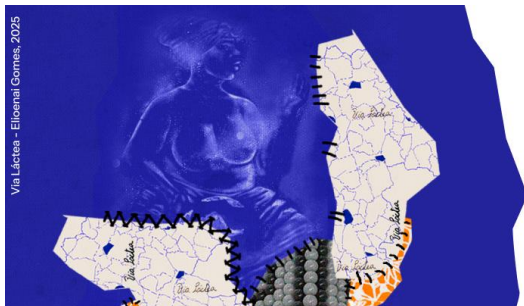


Fonte: <https://projetoafro.com/artista/priscila-rezende/> Acesso em: 09 fev. 2025

Portanto, ao reconhecer e abraçar nossa identidade racial, estamos nos posicionando contra estruturas de poder que historicamente marginalizaram e oprimiram determinados grupos étnicos. Isso nos permite não apenas entender melhor nosso lugar na sociedade, mas também nos capacita a lutar por mudanças significativas e por uma sociedade mais justa e igualitária. Ter consciência de nossa identidade racial não é apenas uma questão individual, mas também um elemento essencial na luta coletiva por direitos e reconhecimento. Ao entendermos quem somos realmente e como nossa identidade é moldada por processos históricos e sociais, podemos nos tornar agentes de transformação em busca de um mundo mais inclusivo e equitativo. Para tal a DCNs apresenta que “[...] não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.” (BRASIL, 2004, p. 8).

No caso a citação da DCNs apresenta uma abordagem essencial para promover uma educação mais inclusiva e equitativa, especialmente no que diz respeito à identidade racial. Ao reconhecer e abraçar nossa própria identidade racial, estamos desafiando as estruturas de poder que historicamente marginalizaram e oprimiram determinados grupos étnicos, muitas vezes privilegiando uma perspectiva eurocêntrica. No entanto, segundo GASPARIN (2020, p.02) “pode ser que a escola hoje não esteja acompanhando as mudanças da sociedade atual e por isso deva ser questionada, criticada e modificada para enfrentar novos desafios.”

Sendo assim, essa ideia de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira é fundamental para promover uma educação que respeite e valorize a multiplicidade de experiências e identidades dentro da sociedade. Isso significa reconhecer não apenas as contribuições da cultura europeia, mas também as culturas e histórias dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, e de outros grupos étnicos e sociais que compõem a rica tapeçaria cultural do Brasil. Porém, ao entendermos quem somos realmente e como nossa identidade é moldada por processos históricos e sociais, estamos nos capacitando a nos tornar

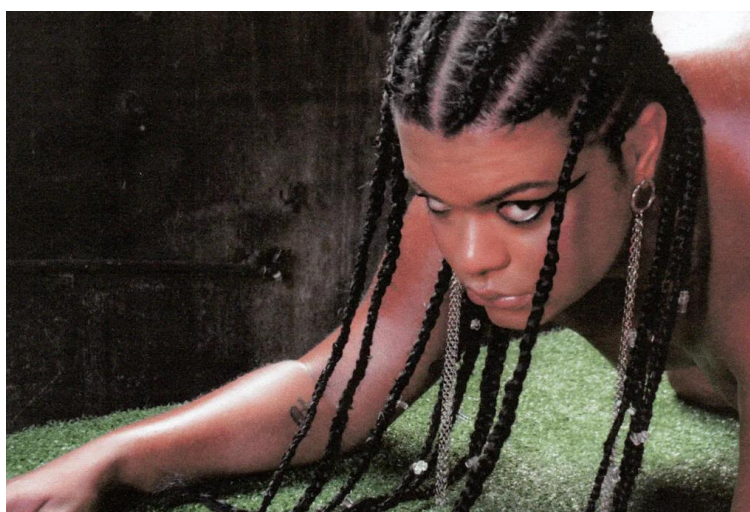


agentes de transformação em busca de um mundo mais inclusivo e equitativo. Isso implica não apenas em uma mudança individual de perspectiva, mas também em uma participação ativa na luta coletiva por direitos e reconhecimento. Então, diante disso precisamos entender que:

[...] por mais antirracista que a pessoa branca seja, ela se beneficia do racismo, mesmo sem querer. E é disso que todo/a educador/a branco/a precisa se conscientizar, no mínimo. Nesse sentido, pautamos o fim da branquitude e, reforço, isso não versa sobre o extermínio de pessoas brancas, mas sobre o fim do sistema social que as privilegia. (PINHEIRO, 2023, p. 56).

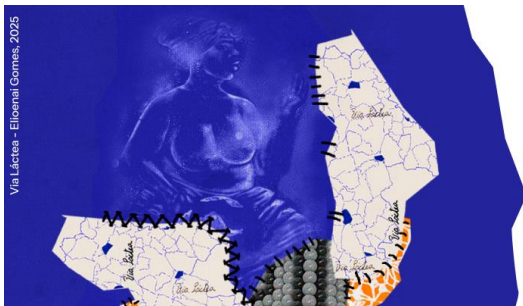
Dentro desta perspectiva, a arte desempenha um papel fundamental na promoção da consciência de nossa identidade racial e na luta coletiva por direitos e reconhecimento de diversas maneiras. Podendo proporcionar uma plataforma para a representação positiva e a visibilidade de diferentes identidades raciais. Ao apresentar obras de artistas afrodescendentes e de outras comunidades racializadas, o ensino de arte assume um papel transformador ao contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a ampliação das perspectivas sobre identidade, diversidade e pertencimento. Esse processo pedagógico e estético é fundamental para promover uma educação crítica, inclusiva e comprometida com os valores da equidade racial e da representatividade cultural.

FIGURA 6. “O Poder da Trava que Ora”, Ventura Profana, (still). Foto: Igor Furtado (2021)



Fonte: <https://artequeacontece.com.br/evento/sala-de-video-ventura-profana-no-masp/>

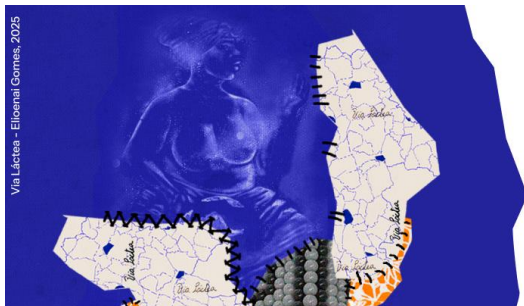
acessado 10/04



A obra *O Poder da Trava que Ora* (2021), da artista Ventura Profana, representa uma potente manifestação artística que tensiona as fronteiras entre espiritualidade, gênero, racialidade e performance. Ao incorporar elementos visuais e simbólicos oriundos das tradições religiosas afro-brasileiras, da estética, da cultura trans, Ventura Profana desafia as normativas hegemônicas e propõe novas possibilidades de existência e expressão para corpos historicamente marginalizados. Por tanto, a obra revela como a arte contemporânea produzida por artistas racializados pode ser incorporada no currículo escolar não apenas como representação estética, mas como ferramenta de enfrentamento ao racismo, à LGBT fobia e à colonialidade. Dessa forma, o ensino de arte se torna um espaço de escuta, visibilidade e valorização de narrativas plurais, que contribuem para a formação de uma consciência crítica e anti discriminatória entre os estudantes.

Pois, através da arte, é possível contar histórias e narrativas que são frequentemente marginalizadas ou omitidas da narrativa histórica dominante. Isso inclui a representação de experiências de opressão, resistência e resiliência de comunidades racializadas, contribuindo para uma compreensão mais completa e empática das experiências humanas. No entanto, a arte muitas vezes desafia normas e estruturas sociais estabelecidas, incluindo aquelas relacionadas à raça e identidade. Ao questionar essas normas, a arte pode inspirar reflexão crítica e despertar a consciência sobre questões de injustiça e desigualdade racial. Através da expressão artística, indivíduos e comunidades podem se sentir capacitados a fazer suas vozes serem ouvidas e a se engajar em ações de advocacia e mobilização social. A arte pode ser uma ferramenta poderosa para inspirar ações coletivas e promover mudanças sociais significativas.

Tendo então, a arte um potencial de criar espaços de diálogo e entendimento mútuo entre diferentes grupos étnicos e raciais. Ao expor obras de arte que abordam questões de identidade racial e justiça social, as pessoas são incentivadas a refletir, discutir e buscar soluções para desafios compartilhados.

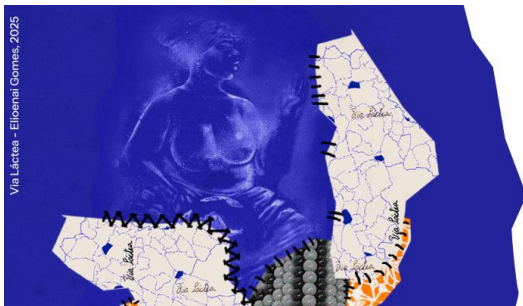


Diante disso, trazemos para essa discussão a PHC uma abordagem educacional que foi desenvolvida pelo professor brasileiro Dermeval Saviani, que nos ano de 1980, buscou uma compreensão crítica da sociedade e da história, contribuindo assim significativamente para a luta antirracista, pois oferece ferramentas que fornecem a reflexão e ação contra a discriminação racial e desigualdade. Então para SAVIANI (1991, p. 21),

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de atingir esse objetivo.

Isso significa que o objeto da educação envolve não apenas a transmissão de conhecimentos culturais, mas também a formação de indivíduos capazes de refletir criticamente sobre a realidade social e de agir para transformá-la. Nesse contexto, a PHC busca identificar os elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos para que eles se tornem verdadeiramente humanos. Isso inclui não apenas o conhecimento de fatos históricos e culturais, mas também o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, empatia e solidariedade. Destacando ainda, a importância de descobrir as formas mais adequadas de atingir esse objetivo educacional. Isso implica em uma prática educativa que seja sensível às necessidades e realidades dos alunos, promovendo a participação ativa, o diálogo e o engajamento com questões sociais relevantes, como a luta contra o racismo e a promoção da igualdade racial.

Pensar nestas possibilidades nos faz refletir sobre alguns autores que trazem “a preocupação em ressaltar a importância da escola como uma instituição construtiva da cidadania como patrimônio coletivo.” (CAVALLEIRO, 2023, p.10). Pensar uma escola como uma instituição construtiva da cidadania como patrimônio coletivo nos remete a uma série de autores que destacam a importância do ambiente escolar não apenas para a transmissão de conhecimentos, mas também para a formação de indivíduos conscientes, críticos e engajados na sociedade.



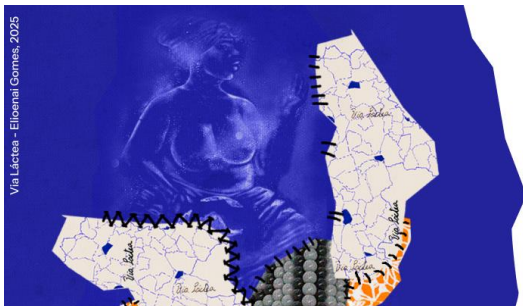
Autores como Anísio Teixeira e Antonio Gramsci enfatizaram o papel da escola na formação de cidadãos críticos e participativos. Teixeira, por exemplo, defendia uma educação pública e democrática que promovesse a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, independentemente de sua origem social ou econômica.

GRAMSCI (1966), por sua vez, desenvolveu o conceito de "escola como aparelho ideológico do Estado", destacando o papel da educação na reprodução das relações de poder na sociedade. No entanto, ele também via a escola como um espaço de luta política e cultural, onde as classes subalternas poderiam desenvolver uma consciência crítica e contestar as estruturas de dominação existentes. Essa perspectiva destaca a importância de uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimentos, buscando formar cidadãos ativos, conscientes e comprometidos com o bem comum.

Então a instituição escolar, precisa pensar o ensino da arte como uma educação emancipatória e crítica, isso implica reconhecer o potencial transformador que a arte possui na vida individual e na sociedade como um todo. A arte não se limita apenas à produção estética, mas também pode ser uma ferramenta poderosa para promover a reflexão, a crítica social e a transformação pessoal e coletiva. Sendo assim, “acreditar num ensino de arte emancipatório envolve extrapolar o singular e o momentâneo; requer lembrar às pessoas que a compreensão do mundo continua sendo algo possível e importante.” (HILLESHEIM, 2015, p. 221)

Sendo no entanto, a arte também, uma abordagem emancipatória, um ensino de arte que busca libertar os alunos das amarras do pensamento convencional, incentivando a expressão criativa, a experimentação e a exploração de diferentes formas de linguagem artística. Isso permite que os alunos desenvolvam sua própria voz e visão de mundo, tornando-se sujeitos ativos na construção de sua própria identidade e na interpretação do contexto social em que estão inseridos.

Ao mesmo tempo, uma educação crítica no ensino da arte estimula os alunos a questionar as normas, valores e estruturas sociais dominantes representados na arte e na cultura. Isso envolve analisar as mensagens subjacentes às obras de arte, entender seu contexto histórico e social, e refletir sobre como elas influenciam e são influenciadas pela sociedade em que vivemos. Dessa forma, o ensino da arte pode



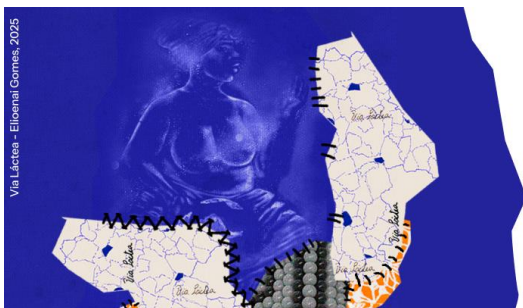
capacitar os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico, criatividade e empatia, que são fundamentais para uma participação ativa na vida democrática e na transformação social. Os indivíduos educados de forma crítica por meio da arte são mais propensos a questionar as injustiças, a promover a diversidade e a buscar soluções criativas e colaborativas para os desafios enfrentados pela sociedade.

Então, refletir sobre a arte afro-brasileira é pensar o ensino da arte como uma educação emancipatória e crítica significa reconhecer seu potencial para mudar não apenas o indivíduo, mas também a sociedade em que vivemos, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, inclusivo e humano. No entanto, como uma questão identitária envolve reconhecer seu papel crucial na promoção da diversidade e na construção do sentimento de pertencimento entre os diferentes grupos étnicos presentes na sociedade brasileira. A arte afro-brasileira não é apenas uma expressão estética, mas também um meio de reafirmar e celebrar as múltiplas identidades e culturas que compõem o tecido social do Brasil.

Porém, ao longo do tempo, a arte afro-brasileira tem refletido as complexas relações sociais entre os diversos grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira. Ela é marcada pela influência das tradições africanas, indígenas e europeias, assim como pelas experiências históricas de escravidão, resistência e luta por liberdade e igualdade. Nesse sentido, a arte afro-brasileira não apenas retrata as experiências e vivências dos afrodescendentes no Brasil, mas também desafia estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva da identidade nacional. Ela contribui para a construção de uma narrativa cultural que reconhece e valoriza as contribuições dos povos africanos e seus descendentes para a formação da sociedade brasileira.

A arte afro-brasileira é um importante instrumento de resistência e afirmação identitária para os afrodescendentes, proporcionando um espaço de expressão e reconhecimento de suas culturas, tradições e formas de conhecimento. Ela fortalece o sentimento de pertencimento e orgulho racial, incentivando os indivíduos a se reconectarem com suas raízes e a reivindicarem seu lugar na sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

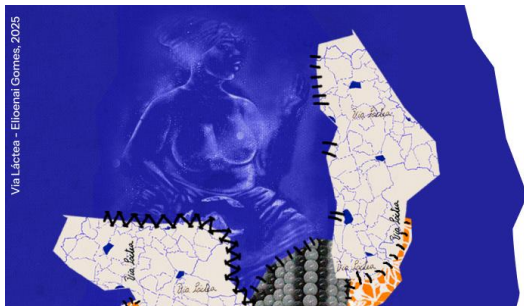


A partir da análise realizada ao longo deste artigo, torna-se evidente que o ensino de arte, quando orientado por uma perspectiva descolonizadora, crítica e antirracista, possui um imenso potencial transformador. Através da abordagem da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), foi possível compreender o ensino da arte como um espaço de construção de sentidos, identidade e resistência, articulando estética, política e consciência social.

As obras analisadas, “*O Nascimento de Oxum*”, de Harmonia Rosales; “*Bombril*”, de Priscila Rezende; e “*O Poder da Trava que Ora*”, de Ventura Profana, revelaram-se potentes ferramentas para repensar o currículo escolar, desestabilizando as narrativas eurocêtricas dominantes e propondo outras possibilidades de leitura do mundo. Tais expressões artísticas permitem trazer para o ambiente escolar discursos e corpos historicamente silenciados, abrindo espaço para a pluralidade de vozes e saberes que compõem a sociedade brasileira.

Diante disso, este estudo alcança seu objetivo ao demonstrar que o ensino de arte, quando comprometido com a equidade, contribui para a valorização da identidade racial, para o combate ao racismo estrutural e para a formação de sujeitos críticos e emancipados. A efetivação da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais não deve ser entendida como mera obrigação legal, mas como um compromisso ético e pedagógico com a justiça social e a diversidade cultural.

Portanto, é imprescindível repensar o papel da escola como espaço de disputa simbólica e política. O ensino da arte, ao invés de se limitar à reprodução de padrões estéticos tradicionais, deve fomentar o pensamento crítico, o reconhecimento das múltiplas identidades e o respeito às diferenças. Como aponta Saviani (1991), a função da educação é formar seres humanos conscientes de sua realidade e capazes de transformá-la.



Assim, conclui-se que o ensino de arte, ancorado na PHC e em práticas pedagógicas antirracistas, pode e deve assumir um papel central na luta contra todas as formas de opressão. Essa abordagem não apenas amplia a visão de mundo dos estudantes, como também os convoca à ação, à empatia e ao compromisso com uma sociedade mais justa, plural e igualitária. A escola, nesse sentido, deixa de ser apenas reprodutora de saberes e torna-se espaço de resistência, criação e transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, 2004.

CANCLINI, N.G. **A socialização da arte: Teoria e prática na América Latina.** São Paulo: Cultrix, 1980.

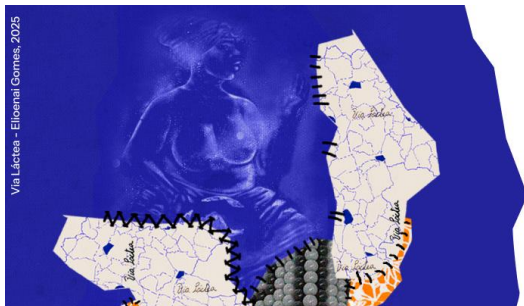
CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. 6. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001. 216 p.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** Campinas SP: Autores associados, 2020.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

HILLESHEIM, Giovana Bianca Darolt. Ensino de Arte e educação emancipatória face à arte contemporânea. **Revista do programa de Pós-graduação em Arte da UnB** V.14, nº2/ julho/ dezembro de 2015. Brasília, p.221.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.



ROSALES, Harmonia. **O Nascimento de Oxum**. 2017 Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento279716/brasil-500-mostra-do-redescobrimento-negro-de-corpo-e-alma>>Acesso 14 mai. 2024

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.